

EM DEBATE

Opinião Pública e Conjuntura Política

2010

Um Periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública: Marketing Político e Comportamento Eleitoral



DOSSIÊ: ELEIÇÕES NO CHILE E ALEMANHA: IDEOLOGIA OU ECONOMIA?

Letícia Ruiz Rodrigues

Sebastian Dube

Renate Köcher

OPINIÃO

Araceli Mateos

Carlos Eduardo Freitas



RESENHA

“Emoções Ocultas e Estratégias Eleitorais”

Livro de Antônio Lavareda

Carlos Eduardo Freitas

Periódico Eletrônico do
Grupo de Pesquisa de “Opinião Pública:
Marketing Político e Comportamento
Eleitoral”

Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, 6627
Campus Pampulha - CEP: 31.270-901
Belo Horizonte - MG - Brasil
Tel: (31) 3409-5007



Ano 2, n. 2, Fevereiro de 2010 ISSN 2176-4883

CHILE: SOBRE A VITÓRIA DA DIREITA E A DERROTA DA ESQUERDA.

Chile: on the victory of the right-wing and the defeat of the left-wing.

Sebastien Dubé

Universidad Diego Portales - Chile

✉ sebastien.dube@mail.udp.cl

No dia 17 de janeiro, os votantes chilenos elegeram, pela primeira vez em mais de meio século, um presidente de corte direitista. Por ocasião do segundo turno da eleição presidencial, 51,6% dos votantes apoiaram o candidato de centro-direita - Sebastián Piñera -, enquanto 48,4% do eleitorado deu seu apoio ao senador Eduardo Frei, candidato da *Concertación*, de centro-esquerda, que está no poder desde 1990.

Considerando o nível de apoio à administração da presidenta Michelle Bachelet, que supera os 80%, os temas que foram mais relevantes na campanha e para a votação no primeiro turno, se poderia argumentar que o triunfo de Piñera significa mais a derrota da esquerda do que a vitória da direita chilena. Porque este diagnóstico? Primeiro, porque, a nível agregado, a volatilidade eleitoral entre os apoios da esquerda e da direita foi limitada. Segundo, porque a direita parece ter ganhado graças a sua evolução em direção ao centro e porque adotou posturas moderadas e progressistas, que até então eram temas tradicionais da esquerda.

De fato, embora o resultado da eleição signifique um giro ideológico no poder no Chile, poucos elementos demonstram que o eleitorado mudou em termos de sua localização ideológica. No primeiro turno da eleição presidencial, em 12 de dezembro, os candidatos de centro-esquerda e de esquerda identificados com a *Concertación* acumularam uma votação superior a 55% dos votos. Eduardo Frei

garantiu o acesso ao segundo turno com 29% dos votos, seguido pelo ex-deputado do Partido Socialista, Marco Enriquez-Ominami (20%) e pelo comunista Jorge Arrate (6%). Por sua vez, como único candidato da direita, Sebastián Piñera obteve 44% no primeiro turno.

O triunfo de Sebastián Piñera significa que Eduardo Frei, candidato da situação, não teve sucesso para angariar votos da totalidade dos eleitores que no primeiro turno haviam votado na esquerda e centro-esquerda. Como explicar essa falha do ex-presidente? No momento em que escrevo este texto, quatro hipóteses parecem plausíveis: (1) o baixo entusiasmo suscitado pelo candidato Frei; (2) as divisões internas da *Concertación*; (3) a percepção de moderação da direita chilena, por parte do eleitorado e; (4) a falta de apoio da presidenta Michelle Bachelet ao candidato Frei.

Eduardo Frei foi selecionado para representar a *Concertación* depois que o ex-presidente Ricardo Lagos e o atual secretário da Organização dos Estados Americanos (OEA), Jorge Miguel Inzulza, retiraram suas respectivas candidaturas, em fins de 2008. Aparentemente, nenhum dos dois políticos julgava ser possível unir a *Concertación* em torno de suas respectivas candidaturas e assegurar êxito frente a Sebastián Piñera, que liderava amplamente as intenções de voto. Aproveitando este vazio e contando com o apoio dos líderes dos partidos da *Concertación*, Frei ganhou as eleições primárias, que culminaram em divisões e na saída do deputado do Partido Socialista, Marco Enriquez-Ominami.

Criticando aberta e ferozmente os líderes dos partidos da *Concertación* e descrevendo tanto Frei como Piñera como homens do passado, Enriquez-Ominami lançou sua campanha para a eleição presidencial com apoios significativos provenientes da *Concertación*. Apresentou-se como o único candidato que representava uma mudança geracional e seus 20% de apoio eleitoral no primeiro turno demonstraram que muitos eleitores de esquerda estavam insatisfeitos com a candidatura de Frei e pouco preocupados em debilitar a candidatura da situação, ao contribuir para a divisão da votação da *Concertación*. Somados ao fato de que poucos chilenos têm boas recordações do período de Frei na presidência do país (1994-2000), a campanha de Enriquez-Ominami debilitou ainda mais a candidatura do senador.

Ao baixo entusiasmo popular por Frei, se juntou uma moderação ideológica importante por parte da direita chilena. Durante a campanha, Sebastián Piñera enfatizou *ad nauseam* que havia votado contra a permanência do ditador Augusto

Pinochet, no plebiscito de 1988, e deu a entender que o seu governo não incluiria indivíduos que tivessem relação estreita com o regime militar. Além disso, Piñera foi bem sucedido em silenciar os seus aliados mais conservadores de extrema-direita, de maneira que um eleitor de centro e cansado dos governos da *Concertación* pudesse anular seu voto ou votar em Piñera, sem o temor de que o próximo governo tivesse um vestígio “pinochetista”. Finalmente, ao adotar posturas como o apoio ao reconhecimento legal da união civil entre casais do mesmo sexo, Piñera mandou sinais de que seu governo seria um defensor das liberdades individuais, um claro desafio aos conservadores que o apóiam.

Eduardo Frei tampouco pode aproveitar o altíssimo nível de apoio do qual gozava a presidenta Michelle Bachelet . Seja por ambições pessoais – como voltar como candidata em 2014¹ - ou porque sua relação com os partidos da *Concertación* foram tumultuadas em mais de uma ocasião, Bachelet deu um apoio explícito, porém tímido, a Eduardo Frei. Segundo vários analistas, ao final, esta falta de apoio concreto ao senador favoreceu claramente a candidatura de Piñera.

A nível nacional, a última eleição chilena obrigará a *Concertación* a se redefinir como coalizão unida e defensora de um projeto social e político bem claro. Ironicamente, o êxito eleitoral da esquerda chilena sempre foi acompanhado de críticas a respeito da escassez de suas políticas realmente progressistas. No papel de oposição, é provável que se venha a se redefinir como uma coalizão política mais radical, claramente situada a esquerda do espectro político. Isso, se conseguir sobreviver como coalizão política, dada sua estrutura complexa e suas dificuldades para resolver os conflitos internos que a abalam.

Do lado dos ganhadores, é provável que a realidade do poder obrigue a direita chilena a adotar posturas mais moderadas e a expurgar seus elementos mais conservadores e autoritários. Portanto, se pode esperar que a direita experimente o mesmo fenômeno de moderação, que caracterizou a esquerda enquanto esta esteve no poder, a partir de 1990. A nível regional, se a vitória da *Concertación*, em 1990, marcou o princípio de uma certa “onda de esquerdas” na América Latina, a vitória de Piñera poderia significar o princípio de uma volta ao poder de vários governos de direita na região.

¹ Uma vez que a reeleição consecutiva não é permitida no Chile, a presidenta Bachelet não podia concorrer a um segundo mandato. Certamente, poderá ser candidata para as eleições que marcarão o fim da administração de Piñera